

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 2 — VOL. III.

Sabbado 15 de Janeiro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (mocda forte) . . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Delhi — A villa das Caldas da Rainha — O Bosphoro — A villa de Campo Maior — A torre de S. Julião da Barra — Galeria historica, continuação — As ilhas de Nicolau e Andaman — Memorias do coração, continuação — A estrella.
GRAVURAS — Vista nordeste de Delhi — Brasões d'armas das villas das Caldas da Rainha, e Campo Maior — Uma vista do Bosphoro — Torre de S. Julião da Barra

Historia da actualidade.

O vapor *D. Estephania*, que pertence á companhia União Mercantil, concluiu com muita felicidade a sua primeira viagem d'Africa.

— Esta empresa, que está solidamente estabelecida, tem a navegação regular entre Lisboa, Costa d'Africa, ilhas dos Açores e Algarve. Os navios que tem a serviço são: o *D. Estephania*, o *Africa*, o *D. Pedro V*, o *Açoriano*, o *Algarve*, e o *Vesuvio*.

— Domingo proximo teve lugar a eleição municipal. O senhor Julio Pimentel, que era o presidente da camara passada, declarou a um jornal que não acceptava a reeleição.

— Deu-se á companhia *Amizade*, do Porto, a concessão provisoria da mina de carvão, sita em Midões.

— El-rei o Senhor D. Pedro v, e sua esposa, visitaram esta semana a imprensa nacional.

— O ministro britânico, residente em Lisboa, deu esta semana um baile no seu palacio de Buenos Ayres.

— No dia 12 do corrente teve com effeito lugar o baile do senhor conde de Ozeroff, ministro da Russia.

— Consta que foram presos tres gallegos e tres empregados do arsenal do exercito, que eram os que tinham activa parte no roubo de peças que ali teve

lugar; e se diz que fizeram importantes revelações.

— Tratam dois bachareis formados em direito de se escripturarem no theatro de D. Maria II, e de um já se afirma que será a sua estreia em a noite do beneficio da actriz Soller.

— O *Vianense* noticia que no mez de Dezembro ali principiaram as cerejeiras a enrubecer seus fructos, que estão creados como se houvesse passado o mez de Abril. O mesmo phenomeno se nota n'aquella provincia nas macieiras, laranjeiras, etc. De que procederá esta anomalia no reino vegetal?!

— Continua a epizootia a desinvolver-se no districto de Leiria.

— A questão de eleição nos principados foi adiada por ter encontrado difficuldades.

— Os hespanhoes obtiveram completa satisfação dos mexicanos que occupam a praça de Tam-

pico. O objecto fóra um emprestimo forçado que se lhes impozera.

— O rei da Prussia chegou a Roma; porém o seu estado de saude resentiu-se do incommodo da viagem.

— Continua a guerra entre o Peru e o Equador. O Chili e Venezuela acham-se muito agitados.

— Em Smyrna sublevaram-se alguns chefes arabes, que tiveram a infeliz sorte de serem depois decapitados, e enviadas as cabeças ao pachá turco.

— Anna Wallon foi presa em Inglaterra por ter escripto varias cartas sediciosas incitando as tropas britannicas á rebellião.

— Já chegou á França o tractado concluido entre esta potencia e a China; e se diz que é identico ao da Inglaterra.

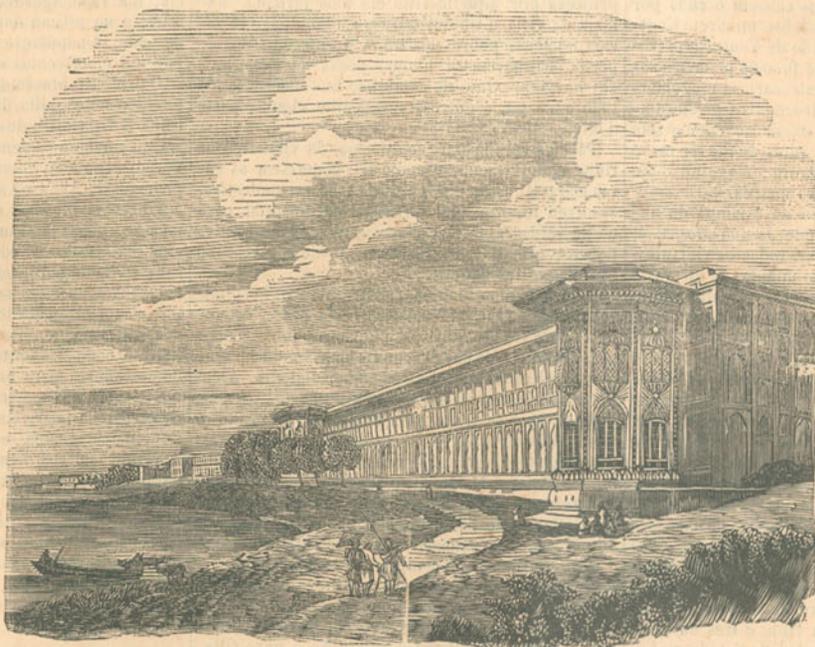
— Em Veneza reina grande fermentação nos espiritos; e o governo austriaco envia successivamente grandes reforços para a Lombardia.

— Suas magestades el-rei o Senhor D. Pedro v, e sua esposa assistiram á solemnidade religiosa do dia de Reis, na igreja do convento da Estrella.

— O jornal de Vizeu, intitulado o *Liberal*, suspendeu a sua publicação.

— Consta que ha uma proposta para a futura empresa de S. Carlos, por longo tempo, conservando-se os actuaes preços de plátca, e pondo-se os camarotes em leilão. Offerece mais o proponente ter annualmente duas companhias, e durar a epocha theatral seis mezes. Pede ao governo o subsidio de trinta contos de réis annuaes.

— No principio do corrente procedeu o guardamór da alfandega grande a uma apprehensão de cem bilhetes da loteria de Hespanha que vinham no *Tagus*. Espera-se que no caso de sair premio n'estes bi-



Vista nordeste de Delhi.

lhetes, se distribua metade pelos asylas, e metade pelos apprehensores.

— O nosso commercio de vinhos em Londres principia a dar signaes de animação.

— O principe de Carignan chegou a Genova.

— Acham-se em Alicante a infanta D. Amalia de Bourbon, e seu esposo.

— Embarcaram na Corunha com destino a Cuba onze officiaes, e duzentas e noventa e nove praças de pret.

— Falla-se de um recrutamento de doze mil homens em Napoles.

— Foi nomeado ministro da França junto á nossa corte, em substituição do Marquez de Lille, Mr. Forth-Rouen, que já esteve em Lisboa como secretario da legação franceza.

— O grã-duque Constantino foi recebido, quando desembarcou em Toulon, quasi com as mesmas honras que se fizeram á rainha de Inglaterra.

— Continuum em Inglaterra os meetings para a reforma eleitoral.

— Tem feito sensação na Russia uma obra que ali se publicou sobre a guerra da Transilvania em 1849.

— Trata-se de erigir uma estatua a Napoleão I na ilha de Santa Helena. Ficará collocada n'uma eminencia que se descubra do mar.

— Igualmente se diz que se vão reedificar as habitações que o actual imperador comprou n'aquella ilha. N'aquellas habitações residiram não só Napoleão I, como as pessoas do seu sequito.

— Está actualmente fazendo a cholera grandes estragos no Japão, e foi ali introduzida por um navio americano.

Delhi.

Delhi é uma bella e rica cidade do Indostão, capital do reino do mesmo nome, edificada por Schah-Djihan. É uma parte do theatro da guerra que os inglezes sustentam hoje na India, e que tantos sacrificios os tem obrigado a fazer.

Apresentando as duas estampas, uma das quaes foi publicada no numero passado, aproveitaremos a descripção que segue, devida a um moderno viajante.

Immensas ruínas annunciam a aproximação de Delhi. A paizagem é nua e severa. Atravessam-se as innumerables e gigantes reliquias da velha Delhi, e chega-se á Delhi moderna, que é obra dos mogoes, ou dos tartaros turcomanos, cuja origem é a mesma dos turcos.

Entre os templos, palacios, fortalezas, e tumulos, cujos restos abandonados cobrem o chão por toda a parte, distingue-se o celebre minarete Koutab, ou Koutab, nome derivado de *Koutubadin* (Estrella polar da religião), que foi o do primeiro soberano do Afgans. A base d'este curioso monumento tem quasi quarenta e quatro metros de circumferencia; a altura era, diz-se, de noventa e sete metros com pouca differença, antes de lhe ter caído um raio que em parte o destruiu; mas ainda hoje tem perto de sessenta e cinco metros.

Tratando porém do objecto da estampa do numero antecedente, diremos que *Jumna-Mosjed* é, segundo o testemunho de quasi todos os viajantes, a mais importante mesquita do mundo. É um vasto monumento, construido de pedra vermelha imbutida de bello marmore branco nos zimbórios.

O pateo quadrado que precede a mesquita tem em tres faces peristilos abertos, por entre os quaes se descobre a cidade e suas arvores. Pode conter doze mil pessoas, e, segundo se affirma, enche-se de fieis no dia do anno em que o rei vem assistir á ultima hora do *ramazan*. A escada da mesquita tem proporções monumentaes.

Do alto do minarete descobre-se a cidade. O que mais chama a attenção é o palacio do Mogol, rodeado de muros de granito. As ruas são mais largas e directas do que as da maior parte das cidades do Oriente. As casas, confusamente amontoadas em alguns logares, são, aqui e ali, cercadas de encantadora sombra. Em geral tem dois andares. Avalia-se o seu numero em vinte e tres ou vinte e quatro mil. O aspecto da cidade é todo mahometano, ainda que a maioria da população professe a religião de Vischnou e de Brahma. Entre a grande

multidão de mesquitas percebe-se apenas um zimbório pontegudo indicando um templo indico. Para além dos muros de Delhi avistam-se vastos campos de ruínas, que se estendem até aos ultimos limites do horizonte.

As ruas são verdadeiramente bellas; a Tehandi-Tchowk, a mais comprida e larga, é dividida em duas partes por um ribeiro, cujas aguas, limpidas e frescas, murmuram no seu leito de pedra. Em um dos lados ha uma linda pequena mesquita de marmore branco, com tres zimbórios doirados: faz recordar um horrivel dia.

Em 1738, o rei da Persia, Nadir-Schah (Thamas Kouli-Kan), tendo invadido o Indostão, avançou, sem encontrar resistencia, até ás muralhas de Delhi. O exercito do grã-Mogol tentou em vão resistir-lhe: foi n'um momento desbaratado, e Nadir-Schah entrou vencedor na cidade. Ordinariamente as primeiras horas depois da tomada d'assalto são as mais terriveis; porém, d'esta vez foi o contrario. Os habitantes de Delhi foram medianamente maltratados nos primeiros dias; mas o rei da Persia depressa se arrependeu. Uma manhã, espalhando-se o boato de que elle tinha morrido, sublevaram-se os indios: no mesmo instante os persas arremessaram-se sobre elles e passaram-n'os á espada. Nadir-Schah foi sentar-se na pequena mesquita de Tehandi-Tchowk; desembainhou a espada, e, immovel como uma estatua, conservou-se n'esta attitude desde pela manhã até á noite, ouvindo sem se commover os angustiosos gritos da povoação, e vendo sem piedade as ondas de sangue que corriam. O rei de Delhi e todos os nobres da sua corte foram, ao anoitecer, prostrar-se a seus pés: só então Nadir consentiu em banhar a espada: a este signal cessou a carnificina. No dia seguinte o rei da Persia retirou-se, levando um despojo avallado em oitocentos milões de francos.

A cidade foi fundada no seculo XVI por Schah-Djihan, a quem se attribuem os mais bellos edificios de Delhi — a Jumna-Mosjet e o palacio.

A villa das Caldas da Rainha.

Esta bonita villa está situada na provincia da Estremadura, em terreno não elevado, mas desafogado, distante de Lisboa quatorze leguas, das antigas, para o norte, e uma pequena legua da villa d'Obidos.

Deve a sua existencia, o seu nome, e prosperidade, a uma bella e copiosa nascente de aguas thermaes, e á munificencia e caridade da rainha D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II. Passando esta princeza por aquelle sitio em uma jornada, que fazia da villa d'Obidos para a da Batalha, viu varios homens, pobres no traje, e enfermos no aspecto, banharem-se n'umas poças de agua, que ali havia proximo do caminho, uns mergulhando todo o corpo, e outros tamsómente alguma parte d'elle.

Parou a rainha para se informar da virtude, que tinha aquella agua, e como lhe catessem as curas maravilhosas, que obrava em certas molestias, resolveu logo mandar ali fazer um hospital, para n'elle serem agasalhados e sustentados os doentes pobres, que tivessem necessidade de recorrer ao uso d'aquelles banhos.

Pouco tempo depois construiu-se o hospital, constando de seis enfermarias, uma para clérigos, outra para frades, duas para homens pobres, e duas para mulheres da mesma condição, havendo em uma d'estas ultimas uma divisão para religiosas. Além de seis enfermarias haviam alguns quartos para as pessoas, que se tratavam á sua custa. Para que o hospital fosse mais bem servido, e lhe não escasseassem as provisões, além das rendas que lhe doou, obteve d'el-rei D. João II, seu esposo, que se fundasse ali uma povoação para trinta moradores, com o privilegio de não pagarem jugada, oitavo, siza ou portagem, e a mesma isenção ás pessoas, que a ella viessem fazer compras ou vendas. Por decreto de 1488 o mesmo soberano elevou a nova povoação á categoria de villa.

Com tão poderoso incentivo em breve teve começo, e rapidamente se desenvolveu a nova villa, que se denominou das Caldas da Rainha. O credito, que estes banhos foram tendo em todo o reino,

e juntamente as commodidades, que ali se offereciam aos enfermos, ou fossem pobres ou abastados, chamavam á villa uma grande concorrência, tanto dos que a demandavam temporariamente, como dos que por interesses industriaes n'ella se vinham estabelecer.

Todavia o seu maior incremento data do meiado do seculo passado em que el-rei D. João V principiou a fazer uso d'aquelles banhos, indo, no decurso do resto de sua vida, por treze vezes áquella villa com a familia real, e uma grande parte da sua corte.

Por essa occasião, vendo o antigo hospital bastantemente arruinado, e já com poucos commodos para o grande numero de enfermos, que ali affluíam, mandou fazer em 1747 uma reconstrução completa, que levou tres annos a concluir-se. Foi construido o novo hospital sob um plano d'architectura regular, com boa apparencia, e muito maior capacidade do que o antigo. Fizeram-se n'ella uma bonita capella, novos banhos, excellentes officinas, aposentos para as pessoas reaes e residencia para o administrador. Annexou-se-lhe tambem uma cerca, que se povoou de arvoredo, e que hoje é um lindo passeio, que se franqueia ao publico. Além d'este, porém, ha na villa um passeio publico arborizado e ajardinado.

A villa das Caldas da Rainha ficou pertencendo, desde o tempo da sua fundadora, ás rainhas de Portugal, até que esta casa se extinguiu em 1833. Na qualidade, pois, de senhora d'esta villa, a rainha D. Maria Anna d'Austria, mulher d'el-rei D. João V, mandou edificar a actual casa da camara e cadêa, tendo-se demolido a antiga, quando se accrescentou o edificio do hospital.

A igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora do Populo, acha-se no centro da villa, que possui, além d'este templo, as ermidas do Espirito Santo, mais antiga que a matriz; de Nossa Senhora do Rozario; de S. Sebastião; de Nossa Senhora da Graça; e a de S. Bartholomeu. Quasi todos estes templos foram reedificados por D. João V.

Tem esta villa um grande Rocío, muitas casas de prospecto nobre, boas hospedarias, um club, aonde ha gabinete de leitura, e se dão luzidos bailes, e varios chafarizes, abundantes de excellente agua, e obra d'el-rei D. João V.

Durante a estação dos banhos, que principia em Maio e acaba em fins de Setembro, é esta villa extraordinariamente concorrida, sobre tudo de familias de Lisboa. Posto que os seus arrabaldes sejam desprovidos de fructos, tem um mercado diario bem fornecido de todo o genero de produções do paiz, que ali affluem de muitas leguas de distancia. Em 14 de Agosto tem uma feira annual de tres dias; e no ultimo domingo de cada mez mercado de gado. A população permanente d'esta villa anda por mil e seiscentas almas.

O primeiro brasão d'armas, que a rainha D. Leonor deu á sua villa das Caldas, foi o mesmo que tinha a villa d'Obidos a cujo termo então pertencia, o qual unicamente consistia no escudo real. Porém depois da catastrophe, que lhe arrebatou o principe D. Afonso, seu filho unico, accrescentou aos brasões d'armas de todas as suas terras uma memoria d'este fatal successo. Achando-se este principe em Santarem com seus paes, e com a princeza D. Isabel, filha dos reis catholicos, Fernando e Isabel, com quem se desposara pouco tempo antes, deu uma queda do cavallo abaixo junto ás margens do Tejo, no dia 42 de Julho de 1491. Tendo perdido o uso dos sentidos, foi levado em uma rede de pescadores para uma pobre casa perto d'ahi, á qual logo acudiram seus paes, sua esposa, e todos os soccorros possiveis. Tudo porém foi baldado. O principe morreu sem ter recobrado os sentidos. A rainha em sua immensa dor não quiz mais separar-se d'aquella rede, triste e derradeira memoria do seu desgraçado filho. Desde então tomou-a por sua divisa, e ordenou, que aos escudos d'armas das suas villas, se accrescentasse de um lado uma rede, e do outro um pelicano, emblema de seu esposo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

As novellas são como as roseiras, se dão alguma flor, é entre milhares de espinhos.

O Bosphoro.

Quem ha ahi, que não tenha ouvido fallar nas bellezas sem par d'esse maravilhoso canal, que divide a Europa da Asia, onde a cidade de Constantino, o grande, ergue ao ceo as cupulas e torrinhas de suas trezentas mesquitas? Quem ha, que não tenha lido alguma d'essas descripções, que exaltam em tão subidas phrases, e pintam com tão vivo colorido o aspecto grandioso e encantador do estreito bysantino?

Aquella extensa galeria de variadissimos paineis naturaes, qual mais rico e mais formoso; aquelle vasto bazar, onde a natureza e as artes concorreram á porfia a expor os seus mais bellos e graciosos productos; aquelle grande museu de monumentos historicos; aquelle livro, enfim, de tantas paginas, todas cheias de tradições escriptas por tantas gerações, que são passadas, chronica animada de tantos imperios, que cairam no abysmo do nada; não podem facilmente descrever-se com palavras. Não ha idioma, por certo, que tenha phrases tão pompôsas, que bem quadrem ás pompas d'aquelle canal; nem eloquencia com vozes tão elevadas, que possam erguer-se á altura de tamanhas maravilhas; nem engenho, ou pincel, que saiba abrançar n'um quadro, e ouse retratar fielmente tantas excellencias e esplendores, que a natureza derramou com mão prodiga sobre ambas as margens do Bosphoro.

Lamartine, esse poeta inspirado, que não recorre aos opulentos cofres da sua imaginação, que os não ache repletos de imagens e cores quasi tão finas, tão vivas, e brilhantes como as da criação, confessa, ao recordar-se nas suas viagens das scenas magicas, que ali viu absorto e deslumbrado, «que não encontra palavras com que descreva adequadamente a belleza e apparatus de tantos quadros.»

«Não creio, exclama o poeta, levado pelo impulso do enthusiasmo, que o ceo, a terra, o mar, e o homem possam crear, em commum accordo, mais deliciosas paisagens!»

E n'outra parte expressa ainda o seu assombro e admiração nas seguintes valentes phrases. «Foi ali, onde Deus, o homem, a natureza e as artes crearam e collocaram com esforço unanime o espectáculo mais encantador, que pode offerecer-se á vista sobre a terra.»

Um escriptor italiano, chamado Tedesco, tambem distincto por sua erudição, e por um estilo elegante e florido, que no principio do seculo passado visitou aquelles logares, affirma nas suas estimaveis obras, «que o aspecto do Bosphoro é tal, que, ainda mesmo separando-o completamente dos innumeraveis titulos, que recommendam Constantinopola aos viajantes como uma das mais interessantes cidades do globo, só para o ver e admirar se deveria emprender a mais longa e penosa peregrinação.»

O Bosphoro, ou canal de Constantinopola, pois que esta grande capital se ergue proximo da sua entrada, é um estreito por onde o mar de Marmara se comunica com o mar Negro. Tem de comprimento quasi oito leguas, e a sua largura varia de trezentas e quarenta a mil e trezentas toezas. O seu curso em zig-zags entre elevadas montanhas, que ora avançam como cabos, ora recuam, formando bahias; mil especies diferentes de arvores colossaes, debruçando-se sobre a onda fugitiva, ou vestindo as encostas, ou coroando os cabeços; numerosas povoações guardando as margens do canal como alas de soldados em dia festivo, ou subindo como em throno pelas quebradas das serras; soberbos castellos de diversas eras; venerandas ruinas de monumentos de diferentes nações; esplendidos palacios do sultão, dos pachas, e dos embaixadores estrangeiros; ricas mesquitas cercadas de seus esbeltos minaretes; kioscos ou casas de regalo de mil variadas invenções; jardins e bosques entremeando ou cercando todos esses sumptuosos edificios, typos variadissimos da architectura de diferentes povos, e de diversas edades; todos estes objectos, agrupando-se em perfeita harmonia, como collocados por mão de artista, ou contrastando pittorescamente, ou sobresaindo uns aos outros com garbo e elegancia, como em vaidosa competencia; e sobre tudo isto

ainda uma prodigiosa quantidade de navios de vela e a vapor, de escaleres e barcos, de formas phantasticas, empavados de bandeiras multicores, e tripulados por gente de quasi todas as nações civilizadas do universo; eis em pobre e mesquinho esboço a perspectiva do Bosphoro.

A estampa, que acompanha este artigo, dará uma idéa, mais aproximada do que nós o podemos fazer com a penna, da magnificencia e formosura d'esse tão celebrado canal. O sumptuoso edificio, que ahi mais avulta, é o quartel de cavallaria turca.

A villa de Campo Maior.

Tres leguas ao norte da cidade d'Elvas, na provincia do Alemtejo, e proximo á ria de Hespanha, está situada a villa e praça d'armas de Campo Maior.

Não encontramos noticia alguma sobre a sua origem, nem relativamente á sua historia até aos commencos do seculo xii, em que varios autores põem a sua restauração do poder dos moiros, dizendo que teve logar no anno de 1219, e que a deve a christandade a uma familia de Badajoz, do appellido de Peres. Acrescentam os mesmos archeologos, que os ditos Peres fizeram logo doação da terra por elles conquistada á igreja de Santa Maria do Castello d'aquelle cidade, sendo bispo de Badajoz D. frei Pedro Peres, seu parente, o qual deu por armas á nova povoação christã um escudo com a imagem de Nossa Senhora, e um cordeiro, com esta letra em volta: *Sigillum Capituli Pacencis*.

Sob o governo do nosso rei D. Diniz veio aquella terra para a corôa de Portugal. Este soberano deu-lhe foral de villa, em 1296, com muitos privilegios, e no sitio mais alto edificou um castello. Asseveram os etymologos, que foi d'esta fundação, que se motivou o nome actual da villa, e contam o caso d'este modo. Apenas se levantou o castello, quizeram logo muitas pessoas, conforme o uso e necessidades da epoca, procurar o abrigo da fortaleza, construindo casas junto das suas muralhas. Havendo controversia sobre o lado para onde mais conviria estender a povoação, decidiu-se que fosse para o lado do *campo maior*, o que se levou a effeito, ficando este nome para o novo bairro, o qual passou depois a abranger toda a povoação.

El-rei D. Diniz fez doação d'esta villa á infanta D. Branca, sua irmã, em 1301, e fallecendo esta princeza, doou aquelle senhorio a D. Afonso Sanches, filho natural d'aquelle monarcha. El-rei D. Manuel incorporou-a na corôa, com o privilegio de nunca mais ser desannexada d'ella.

El-rei D. João II acrescentou mais alguns privilegios aos que esta villa já possuia, e deu-lhe novo brasão d'armas. Não consta ao certo, se este é o actual, mas é provavel, que o seja, pois que, sabendo-se que já assim existia no reinado de D. Manuel, que se seguiu a D. João II, não é de presumir, que em tão curto espaço de tempo, tivesse esta terra dois diferentes brasões d'armas. O brasão, que a camara usa no estandarte municipal, e que o seu digno presidente, o senhor Joaquim José da Matta, teve a bondade de communicar á redacção d'este jornal, com algumas noticias, a seu respeito, contém as armas reaes de um lado, e do outro a imagem de S. João Baptista, patrono d'aquelle villa.

Na guerra que se ateou entre Portugal e a Hespanha no principio do reinado de D. João V, teve a praça de Campo Maior um rigoroso sitio, correndo o anno de 1712. O exercito castelhano era commandado pelo marquez de Bay, e compunha-se de trinta e tres batalhões de infantaria, e setenta esquadrões de cavallaria. Nos dois assaltos, que deu á praça, em cujas muralhas chegou a abrir uma larga brecha, foi rechaçado pela valente guarnição portugueza, debaixo do commando do mestre de campo general, conde da Ribeira Grande, que tinha o governo da artilharia da provincia do Alemtejo, e que conseguiu introduzir-se na praça quatro dias depois de estabelecido o cerco. Durante este assedio lançaram os inimigos contra a praça mil trezentas e nove bombas, e dez mil oitocentas e setenta e duas balas.

Com este cerco padeceram muito tanto a villa

como as fortificações; e passados poucos annos depois da reparação de taes estragos, um raio, caindo sobre a torre grande do castello, em que se achava o payol da polvora, que se incendiou com uma horriavel explosão, reduziu a ruinas uma grande parte da praça no dia 16 de Setembro de 1732. Ficaram destruidas oitocentas e vinte e tres casas, e morreram muitas pessoas. El-rei D. João V mandou reedificar a praça, augmentando muito as antigas fortificações, segundo os progressos da sciencia militar.

Edificada na encosta de um monte, descobre dilatado horizonte, avistando a cidade d'Elvas, em Portugal, e em Hespanha a cidade de Badajoz, as villas de Albuquerque, e Lobon, e as serras de Merida. As duas praças portuguezas e a hespanhola formam um perfeito triangulo, distando umas das outras tres leguas.

Campo Maior tem uma só parochia, dedicada a Nossa Senhora da Expectação. E' um bom templo de tres naves, construido no tempo do bispo de Elvas, D. Sebastião de Mattos de Noronha, que governou aquella diocese na primeira metade do seculo xviii. Anteriormente era a matriz uma ermida dentro do castello.

A igreja e hospital da misericórdia foram começados em 1718. O primeiro edificio, levantado na villa para esta tão santa e humanitaria instituição, era acanhado, e chegando a estado de grande ruina, foi demolido, e no logar que occupava vê-se hoje um largo, ou pequena praça.

Havia n'esta villa dois conventos de frades, o de Santo Antonio, de religiosos franciscanos, e o de S. João de Deus, de hospitaleiros do mesmo santo. Aquelle teve a sua primeira fundação em 1494; depois, no de 1646, foi mudado para dentro do castello, e em 1708 para o actual edificio, obra d'el-rei D. Pedro II. O outro convento, construido no anno de 1643, tem servido agora, e mesmo antes da extincção das ordens religiosas, de hospital militar.

Entre as varias ermidas que ha na villa e nos suburbios, as mais notaveis são: A de S. João Baptista, a cuja imagem se liga uma lenda de apparcimento milagroso, santuario de muita devoção, e ao qual concorrem de longe muitas romarias. Foi reedificada com grande augmento no reinado, e com auxilio pecuniario de D. João V. A ermida de S. Sebastião, no baluarte da mesma invocação, foi mandada fazer por el-rei D. Sebastião.

Diversos poços e fontes, dentro e fora da villa, abastecem a povoação e a fortaleza de muita e boa agua. Uma d'ellas intitula-se de S. João, e dizem que fóra ali que apparecera a imagem do santo. Outra chama-se da *Fome*, pela razão de fazerem as suas aguas bom appetite a quem d'ellas usa.

Antigamente tinha a praça de Campo Maior de guarnição permanente, em tempo de paz, um regimento de infantaria, e outro de cavallaria, e em tempo de guerra quatro regimentos de infantaria, e um de cavallaria. Hoje apenas tem um destacamento de linha, e veteranos. Consta esta praça de nove baluartes, com seus revelins, meias luas, e contra escarpa, meia feita. O antigo castello de el-rei D. Diniz, que o raio damnificou, foi demolido.

Nos arredores de Campo Maior cultiva-se muito trigo, cevada, legumes, e algum centeio. Cria-se tambem muito gado, principalmente lanigero, cujas lãs tem grande reputação pela sua excellente qualidade, e constituem um ramo importante do commercio d'esta terra. O rio Gaya, que divide Portugal de Hespanha, corre a meia legua de Campo Maior entre muitas hortas e pomares.

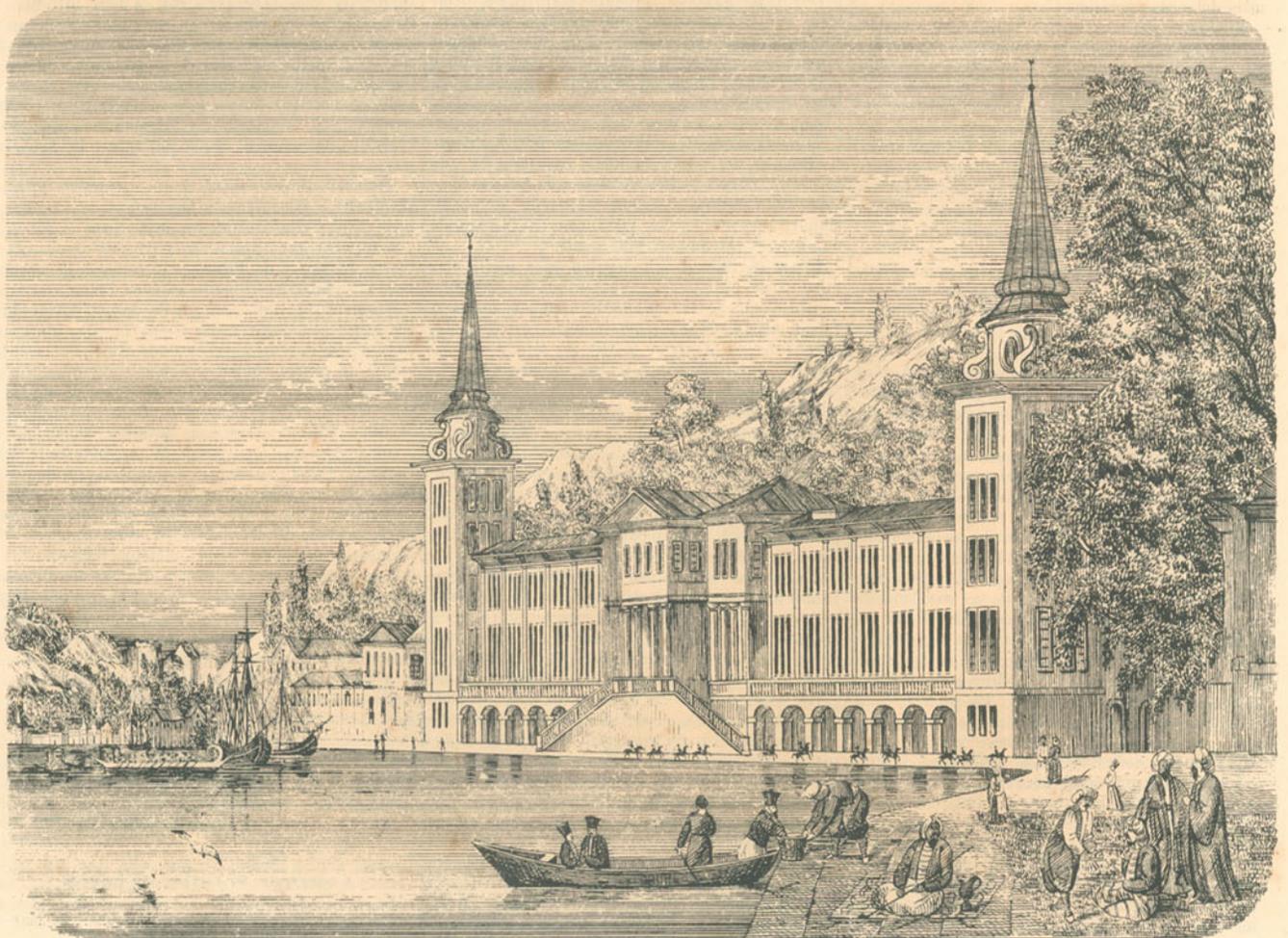
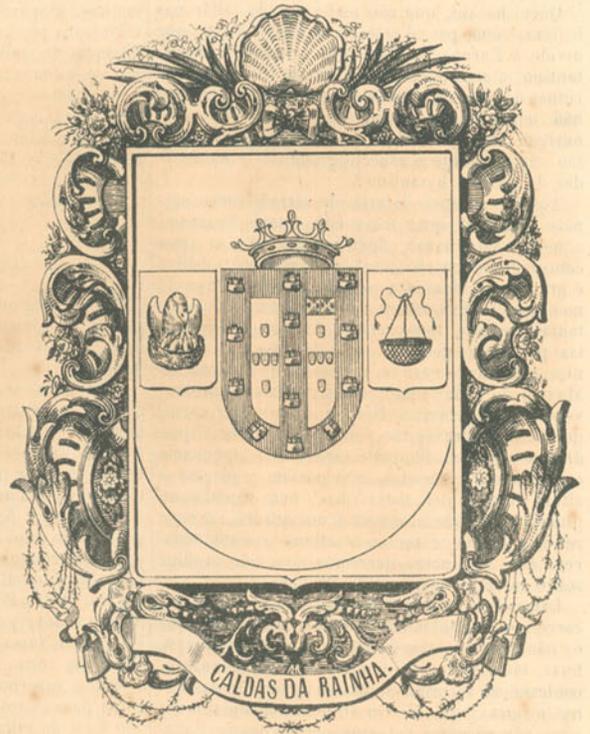
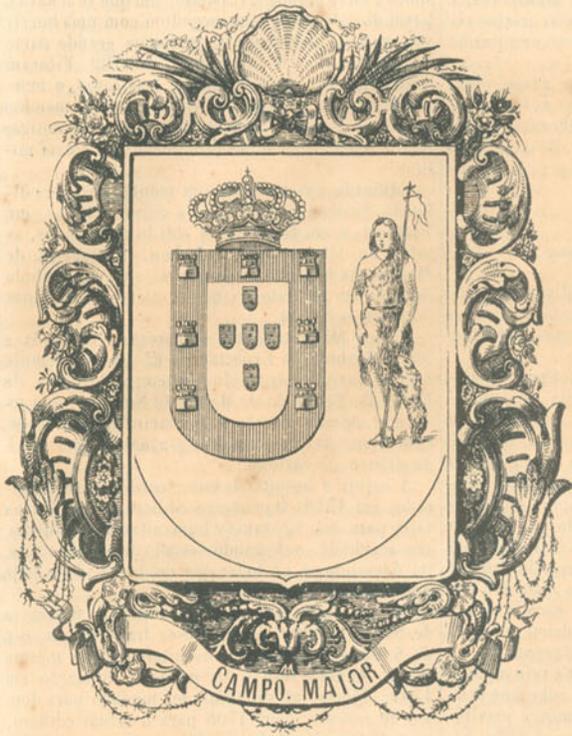
A 24 de Agosto tem a sua feira annual.

Foram naturaes d'esta villa muitos individuos, que se distinguiram por armas, letras, e virtudes, alguns dos quaes occuparam logares eminentes na religião, na administração do estado, e na milicia. A população de Campo Maior ascende a quatro mil e seiscentos habitantes.

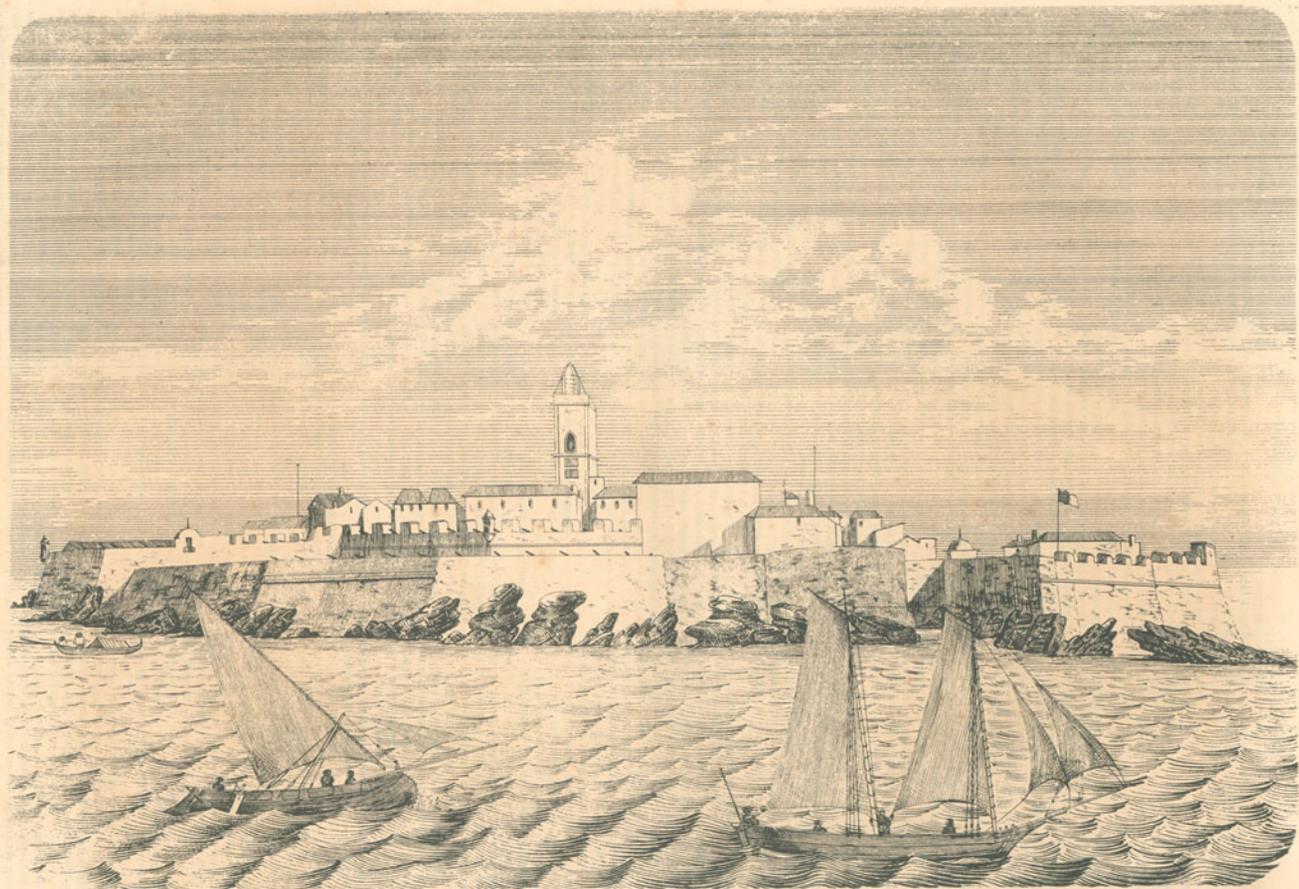
I. DE VILHENA BARBOSA.

A torre de S. Julião da barra.

Na foz do Tejo, sentada sobre rochas na mar-



Uma vista do Bosphoro.



Torre de S. Julião da Barra.

gem direita do rio, ergue-se a fortaleza de S. Julião da barra como atalaya e guarda do amplo e formoso porto de Lisboa.

A sua fundação foi obra de diferentes soberanos, e d'aqui procedem as opiniões encontradas dos escriptores sobre a epoca da construção, e sobre o nome do fundador.

Até ao principio do reinado de D. João III toda a defesa marítima de Lisboa se limitava ás duas torres de S. Sebastião de Caparica, hoje chamada Torre Velha, e S. Vicente de Belem, uma defronte da outra; aquella começada por D. João I, augmentada por D. João II, e reconstruida por el-rei D. Sebastião; e esta projectada por D. João II, e fundada por el-rei D. Manuel.

Apesar de ser esta epoca do nosso maior poder marítimo, a entrada franca e facil do Tejo dava azo aos corsarios argelinos, e d'outras potencias barbarescas, que infestavam as costas de Portugal, para virem algumas vezes roubar e fazer captivos nas proprias margens do nosso rio.

Resolveu pois D. João III, para acabar com estas atrevidas correrias, fortificar a barra. E com effeito ali fez construir, no sitio em que ora vemos a torre de S. Julião, um pequeno forte.

Na menoridade d'el-rei D. Sebastião, e sob a regencia de seu tio, o cardeal D. Henrique, decidiu-se a fundação de uma mais vasta fortaleza, que defendesse a entrada do Tejo, não só contra a pirataria, mas tambem contra qualquer aggressão em uma guerra de potencia a potencia. Principiou-se a obra com fervor, e continuando durante o resto d'aquella regencia, e em todo o reinado de D. Sebastião, e do cardeal rei, só chegou a concluir-se no governo de Filipe II de Castella. Este usurpador do throno de Portugal, vendo-se ameaçado pelas esquadras inglezas, que protegiam a D. Antonio, prior do Crato, filho bastardo do infante D. Luiz, e pretendente á corôa, não somente se apressou a pôr fim ás obras da torre, segundo a planta adoptada, mas ainda lhes fez consideraveis augmentos de fortificação.

Quando os portuguezes, sacudindo o jugo castelhano, aclamaram em Dezembro de 1640 a sua independencia, a porfiosa guerra, que se ateou com a Hespanha, levou el-rei D. João IV a precaver-se contra as poderosas armadas de Castella, mandando acrescentar novas obras de defesa á torre de S. Julião. E outro tanto fez na torre fronteira a esta, denominada de S. Lourenço, ou do Bugio, começada e levada a cabo no periodo decorrido desde a partida de D. Sebastião para Africa até ao governo do augusto chefe da dynastia de Bragança.

Com todos estes augmentos ficou a torre de S. Julião uma fortaleza de primeira ordem, que, sendo bem guarnecida de tropa, e convenientemente artilhada, poderá, com a sua companheira, offerecer uma resistencia tenaz contra qualquer aggressão, e valiosa se fór secundada por outras providencias e auxilios adequados.

Todavia para o lado da terra fraquejava inteiramente esta fortaleza, não por lhe faltarem boas obras de defesa, mas porque um monte visinho, que lhe fica a cavalleiro, a domina e faria render, se caísse nas mãos do inimigo. A esta tão grande falta proveu de remedio o immortal duque de Bragança, de gloriosa recordação, mandando construir um forte sobre esse monte, chamado *Algoirão*, em 1833.

Guarnecem as baterias da torre setenta peças de artilharia. É considerada entre as nossas praças de guerra de primeira ordem, e como tal tem todo o pessoal, que compete a estas, tendo sempre um general por governador. Em tempo de paz a sua guarnição consta de destacamentos de infantaria, e de artilharia.

No meio da fortaleza ergue-se a torre do pharol, edificada em uma extensa e bem alinhada rua orlada de casas com lojas e primeiro andar, que constituem uma parochia, cujo templo, da invocação de Santa Barbara, lhe fica contiguo.

Além dos aquartelamentos, armazens, payol, cisterna, e tudo o mais que é proprio d'esta qualidade de edificios, tem immensas e horribes prisões, que estiveram atulhadas de infelizes em duas epocas bem afastadas uma da outra, porém muito semelhantes—no tempo dos Filippes de Castella, e no periodo que decorreu de 1828 a 1833.

Em 1641 n'ellas foram lançados alguns dos criminosos, complices na conspiração contra D. João IV; em 1817ahi foi tambem encarcerado o desditoso patriota, e distincto general, Gomes Freire d'Andrade, o qual, pouco depois, foi justicado sobre o Algoirão, ao presente transformado em forte. No sitio, onde teve logar o supplicio, avulta hoje a estatua d'aquelle infeliz collocada sobre uma columna, em cujo soco se lê a seguinte inscripção:

A' memoria
do
Distincto e Illustre
Tenente General
Gomes Freire d'Andrade
Victima
Em
1817
O seu Admirador
Barão da Victoria da Batalha,
General e Governador
Da Praça de S. Julião da Barra
Lhe mandou levantar este monumento
Como lembrança do Exercito
No
Anno de 1853.

A torre de S. Julião dista quasi meia legua da torre do Bugio, que tanta é a largura da foz do Tejo. Entre estas duas fortalezas, um pouco para o oceano, e mais perto da primeira, ficam os cachopos, que dividem a barra em dois canaes, o do sul, chamado *Carreira d'Alcaçova*, ou barra grande, que tem de largura quatrocentas varas; e o do norte, muito mais estreito, a que chamam o *Corredor*, ou barra pequena.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Galeria historica.

Continuação.

O MARQUEZ DE MONTFERRAT.

O marquez Conrado de Montferrat adquiriu fama de cavalleiro nas guerras da Italia a favor do papa contra o imperador Frederico II. Distinguiu-se em varias pelejas, e assim inscreveu o seu nome na lista dos heroes do Occidente; mas a gloria que d'essas pelejas lhe resultava era pouca para satisfazer a sua ambição. Conrado poz a mira no Oriente: alistou-se nas fileiras dos cruzados em 1186, e abandonou a Europa.

A questão no Oriente tinha então por chefe a Saladino, de quem já tratámos. Não podia haver occasião, em todo aquelle sanguinolento drama, que fosse mais favoravel aos desejos do joven cavalleiro. O inimigo da christandade caía com todas as suas forças sobre os cruzados; e ameaçava, pela sua mysteriosa politica, invadir o Occidente, destruir a cadeira pontifical, e impor o crescente á Europa.

Conrado, possuido de todos os cavalleiros sentimentos que a pretenção do infiel inspirava pela gloria da Europa, era mais um leão desencadeado o furor contra o insolente inimigo que ameaçava a paz do universo; mas o navio que o conduzia, assaltado pela tempestade, arribou, e o cavalleiro foi obrigado a desembarcar no Bosphoro, onde o imperador Isaac o recebeu com todas as demonstrações de verdadeiro agrado.

A revolta grassava no imperio: os commerciantes reagiam contra o despotismo de Isaac, e os negocios internos achavam-se em estado que parecia não poderem resolver-se inteiramente a contento do imperador.

Conrado, cuja fama já ali chegara, é collocado á frente das tropas que deviam combater os rebeldes. Pelo seu prudente conselho, e a sua acção decisiva, os insurgentes perdem algumas batalhas e capitulam, accetando todas as condições impostas pelo imperador. A mão de Theodora, irmã do imperador, e o titulo de Cezar, premiarão o esforço do valente cavalleiro.

Entretanto, a paz, que segundo o tratado ficava estabelecida, não preenchia os desejos de Montfer-

rat: a Palestina continuava a ser o seu melhor sonho de gloria. Roubando-se ás caricias de sua formosa mulher, e á amizade de seu poderoso cunhado, de novo embarcou para o mesmo ponto d'onde a tempestade o tinha afastado.

Quando Conrado desembarcou nas costas da Phenicia, lamentavam os christãos a destruição da sua armada pelas forças navaes de Saladino: o estado das coisas era desagradavel: a christandade achava-se comprometida em todo o Oriente, e ameaçada pelo furor d'aquelle principe.

A chegada de Conrado com os seus cavalleiros foi um raio de esperança que reanimou os abatidos animos.

Os habitantes de Tyro tinham nomeado uma deputação para ir capitular com Saladino. Apenas o heroe apparece, a mesma deputação recebe insinuações contrarias, e põe-se a caminho para solicitar o auxilio dos recém-chegados.

Conrado recebe-a e promette o auxilio desejado, sob condição de assumir o governo da cidade. Restabelece as fortificações, organisa o exercito, forma o plano de campanha, e derrama em todos a faísca d'essa singular coragem, que fez com que os escriptores dissessem no seu estylo figurado—*que os christãos tinham-se transformado em lobos cervaes sob o commando de um cão manhoso.*

A fortificação de Tyro contrariava os planos de Saladino, que contava com aquelle famoso ponto de concentração. O ataque da praça, no estado em que Conrado a pozera, tornava-se perigoso: a tomada quasi impossivel.

O principe lembrou-se então de que entre os seus prisioneiros de guerra existia um velho, chamado marquez de Montferrat, que era pae do joven Conrado; e contou com a tomada da praça. No dia seguinte Saladino enviou uma mensagem a Conrado: propunha que lhe fossem abertas as portas de Tyro pelo resgate do marquez; e ameaçava martyrisar o seu prisioneiro em frente das muralhas da cidade se a proposta fosse rejeitada.

No dilemma cruel, em que o astuto musulmano collocava o espirito do joven cavalleiro christão, é que este devia provar toda a intelligencia, moral e philosophica, de que Deus o dotara.

Era sem duvida uma prova semelhante áquella á que Deus sujeitara o espirito de Abraham.

Conrado devia entregar a cidade, ou perder seu pae. Mas o argumento era ainda mais superior: Conrado elevou-o á mais alta expressão: collocou-se entre o amor de Deus, e a vida de seu pae.

D'este modo não havia que hesitar. Que importava uma vida passageira em presença do amor ineffavel do Eterno? É para que iam os christãos ao Oriente senão para comprarem, com o seu sangue, a palma do martyrio, expirando pela fé e pela religião na defesa do Santo Sepulchro?

A logica devia partir do espirito e não do coração.

Conrado respondeu:

«Despreso os infelizes. A vida de meu pae é um amor do coração que tem de acabar: o amor de Deus é um dever do espirito que tem de ser eterno. Se tu, Saladino, és cruel e barbaro para assassinares um velho guerreiro desarmado sob as vistas de seu filho, eu heide glorificar-me de desceder de um martyr.»

N'esta magnifica resposta está o desenho completo do caracter religioso e cavalleiresco do marquez de Montferrat. Estas palavras, eecorndo em toda a Palestina, encheram de orgulho os christãos, excitando-os ao cumprimento do dever que as successivas victorias de Saladino pareciam ter-lhes feito esquecer; e todos os cavalleiros templarios correram com os seus seguitos á cidade de Tyro para se sujeitarem aos perigos da defesa.

Entre estes cavalleiros distinguu-se um hespanhol, que a chronica nos dá a conhecer pelo nome de *cavalleiro das armas verdes*, que duas vezes obrigou Saladino a levantar o cerco; tal era o impeto com que nas suas correrias nocturnas caía sobre o inimigo.

Depois de seis mezes de infructiferos trabalhos, Saladino reputou impossivel a tomada de Tyro, e abandonou o campo, esperando que novas dissensões entre os christãos lhe fornecessem occasião para o bom successo das suas armas.

Saladino contava muito com a ambição dos filhos do Occidente: não se enganou. Conrado aspirava ao throno de Jerusalem; mas tinha no nuro dos seus rivais o valente e emprehendedor Ricardo Coração de Leão.

Um acaso veio favorecer as idéas ambiciosas de Conrado — a morte de sua esposa. Conrado desposou, pouco depois, Isabel, irmã da rainha de Jerusalem; e logo que a retirada de Saladino permitiu o repouso dos guerreiros christãos, foi a Jerusalem rebelada.

Os escriptores, que temos á vista, são pouco explicitos ácerca da verdadeira politica do Marquez de Montferrat, em relação ás suas aspirações ao throno de Jerusalem: se não fosse a morte do rei de Jerusalem, e de sua esposa, seria impossivel comprehendere o casamento com a princeza Isabel podia aproximar-o do throno.

Tanto que os regios conjuges morreram, reclamou Conrado a herança real; mas a ambição de Ricardo impediu a sua aclamação. Doram-se algumas batalhas sem resultado; e a intriga principiou a subdividir de novo o exercito em proveito de Saladino.

Dizem com muito espirito alguns chronistas musulmanos que «os christãos tinham tanta sede de sangue, que, na falta do infiel, bebiam o das proprias veias!»

Reconhecendo Conrado a difficuldade que havia de acclamar-se rei de Jerusalem, tomou a soberania de Tyro, e, declarando-a independente, recusou prestar vassallagem á corôa de Jerusalem. Emfim restabeleceu-se a paz entre os christãos, que o interesse commum em breve chamou á conquista de Ptolomeu.

Por este tempo tornou a fortuna a favorecer Conrado. Chegou á Palestina a noticia das tentativas indigenas do principe João-sem-terra contra seu irmão, Ricardo Coração de Leão. O cavalleiro de *Ivanhoe* pintou de tal modo a Ricardo o perigo que corria de perder o throno, que o principe João tentava usurpar-lhe, que o determinou a voltar ao Occidente onde o chamava o interesse da patria.

O perigo era imminente, e Ricardo devia abandonar a Palestina. A sua proxima partida foi annunciada aos chefes da cruzada, que logo viram a necessidade de collocarem no commando um homem capaz de substituir o heroe inglez, tanto pela coragem como pelo imperio no animo dos infieis.

Conrado não tinha sympathias; mas possuia o que se desejava: Ricardo deu ao diabo o que não podia haver pelo amor de Deus, e propoz-lhe o commando do exercito com a corôa de Jerusalem.

Em um momento viu Conrado realizados os seus sonhos de gloria e de ambição: o commando do exercito, a realza, e a ausencia de Ricardo; mas os seus inimigos, que não dormiam, tinham-lhe preparado a queda do ponto mais elevado a que tanto desejava subir.

Saladino mandou propor-lhe secretamente um anno de treguas, enviando-lhe tambem presentes de joias, ouro em pó e dois formosos escravos núbios. Esta proposta foi aceita pelo Marquez de Montferrat, sob a condição da liberdade de seu pae; mas o velho guerreiro já não vivia, e Saladino enviou-lh'o assim mesmo, embalsamado, em um magnifico mausoleo de prata, para lhe provar que o não tinha mandado mutilar no martyrio.

D'este modo mentia Conrado ás esperanças da cruzada no momento em que cingia a corôa de Jerusalem, e Deus castigou-o. Um dos escravos, com que Saladino o presenteara, cravou-lhe no peito um punhal, cuja lamina tinha gravadas estas palavras: Não serás rei de Jerusalem!

Assim acabou este heroe, terror de Saladino. Continua.

ALFREDO HOGAN.

As Ilhas Nicobar e Andaman.

O *Monitor da Esquadra*, jornal official da marinha franceza, dá os seguintes esclarecimentos sobre estas ilhas, enviados ao dito jornal por mr. de Hortier.

«O golpho de Bengala tem dois grupos de ilhas que, sob o ponto de vista da sciencia, merecem especial attenção: — um é o archipelago das ilhas Ni-

co-bar, situadas quasi a cento e vinte milhas maritimas de Sumatra; e outro o archipelago das ilhas de Andaman, situadas quasi a equal distancia das primeiras. Ignora-se a epoca exacta da sua descoberta e historia; o que se sabe de mais antigo a respeito d'ellas é que um dos principaes soberanos e fundadores do reino de Achem, o celebre Segau, que vivia no fim do seculo XVI, nasceu na ilha Kamorta, dependente do primeiro d'estes dois grupos.

«Os dinamarquezes, desde 1754 até 1785, formaram diversos estabelecimentos nas ilhas Nicobar, e esta circumstancia fez dar-lhes, no seculo XVIII, o nome de *Fredemksoerne*, ou ilhas de Frederico, em memoria do principe que reinava na Dinamarca, na epoca das primeiras expedições. Desde então os pontos occupados primitivamente pelos dinamarquezes foram abandonados, e sómente se estabeleceram depois na ilha Kamorta e no porto de Nancowry. Estes ultimos estabelecimentos, que datam de 1832, estão sob o commando superior do governador de Tranquebar. A guarnição d'estes pontos consta unicamente de cipaes, porque o rigor do clima não permite aos europeus viverem ali.

«Os irmãos moravios habitaram estas ilhas com autorisação do rei Frederico VI, mas abandonaram o paiz trinta annos depois. Os austriacos fundaram em 1778 um estabelecimento em Kamorta; porém alguns annos mais tarde, evacuarão-no em virtude de reclamações da Dinamarca.

«As principaes ilhas do grupo são: Nicobar grande, cuja população anda por mil e quinhentos habitantes; Nicobar pequena, que está coberta de ricas florestas; Kaichoul, Kamorta ou Sambelong, Chowry, Batti-Malve, e Tillantehomg. Foi em Nicobar, a mais septentrional do grupo, que os dinamarquezes fundaram em 1756 a primeira feitoria.

«As ilhas d'este archipelago produzem em grande quantidade canna d'assucar, areca, cocos, loireiro-cassia, excellente madeira de teca, e saçafraz muito aromatico. Tambem dão uma arvore, a que os indigenas chamam *larum*, cujo fructo é mais saboroso que o da arvore de pão do Taíti. Pelos fins do seculo passado, enviaram da Europa para aquelle paiz rebanhos, que multiplicaram em grande proporção. Os ninhos de passaros de que tamanho uso se faz nas cozinhas da China, são um dos principaes productos da ilha.

«Os habitantes d'este grupo são de cor acobreada. Tem os olhos pequenos e rasgados obliquamente, e com muita semelhança aos malaos. São de costumes doces, tranquillos, e hospitaleiros. Tem idéa de um Deus, a que dão nome de Kouallen, o qual adoram sob a forma de certas arvores e plantas. Cada aldeia obedece a um chefe, que entre as suas attribuições tem a direcção do commercio e permutação com os estrangeiros.

«Usam no vestuario um panno, talhado em bico, que pende pelas costas abaixo. Reputam este vestuario um adorno, de que são soberbos. Esta particularidade deu origem á crença de que tinham uma cauda natural, semelhante á dos quadrupedes. Esta estranha crença teve muita voga entre os sabios e viajantes, e hoje ainda não está de todo desvanecida.

«O archipelago d'Andaman, que tambem tem o nome de Endamenes, e é continuação do precedente, foi conhecido dos arabes em o seculo IX. Encerra terras mais importantes que o outro, sendo seis as principaes: — o Andaman grande, e pequeno, Barren, Narcondam, Preparis, e a ilha de Coros. Andaman grande tem perto de duzentos kilometros de comprimento sobre vinte e oito na sua mór largura. Contém magnificas bahias e portos. O solo é fertil; na parte montanhosa encontram-se metaes, e especialmente o mercurio, explorado ha poucos annos. A sua maior montanha tem mil e quinhentos metros de altura. Avista-se de mui longe, e serve para reconhecer a ilha. Sobre um dos picos mais elevados acha-se uma nascente abundante, que, quando chega á planície, alimenta uma das principaes ribeiras do paiz. A existencia d'esta nascente é um dos phenomenos mais raros e curiosos. A ilha está coberta de ricas florestas que encerram essencias preciosas. Infelizmente é infectada de numerosas especies de reptis. O mar, ao longo das costas, é abundante em excellente pescado.

«Os habitantes d'este archipelago em nada se parecem com os das ilhas Nicobar. Tem o cabelo crespo, e as feições e caracter em muita relação com os individuos da raça negra. Vivem selvaticamente, e tem resistido a todas as tentativas de espalhar entre elles os beneficios da civilisação. Na ilha mais septentrional do grupo encontra-se o bello porto de Cornwallis, onde os inglezes em 1793 construíram um forte, que abandonaram depois; e n'outra ilha está o porto Chatlam, onde igualmente os inglezes em 1791 haviam fundado uma colonia, que despresaram para se estabelecerem no porto Cornwallis de que acabamos de fallar.

«Uma das ilhas do grupo, Barren, contém um vulcão celebre, que tem muitas crateras, e que, em intervallos periodicos e frequentes, vomita torrentes de lavas avermelhadas, e projecta, a grande distancia, pedras de grande volume. No centro da ilha ha uma bahia circular, alimentada pela agua do mar, na qual se eleva um pico de seiscentos metros de altura, e que no cume tambem tem crateras de vulcão; e no mez de Março, epoca das grandes erupções, a agua do mar ferve em roda da ilha como se estivesse aquecida por um grande fogo subterraneo. Estes phenomenos vulcanicos, que se não apresentam em nenhum outro ponto do globo, fazem pasmar os navegantes.»

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação.

V

Apesar do novo rompimento, Eduardo continuava a frequentar a familia de Maria: a indifferença, porém, que principiavam a mostrar-lhe, desgostava-o. D. Julia de Castro, mãe de Maria, mais de que todos o recebia mal. Ora o comportamento d'esta senhora, posto que não deixasse de ser natural, odiando o homem pobre que lhe amava a filha, herdeira da sua fortuna, tinha, todavia, uma particularidade interessante em relação a elle.

Eduardo amava por sympathia, respeito e gratidão aquella mulher, com um amor inteiramente filial.

Em diferentes epocas, D. Julia de Castro obsequiara muito a defunta mãe de Eduardo; e este tinha amado bastante sua mãe, para saber respeitar e sympathisar com uma pessoa a quem ella devia um verdadeiro sentimento de gratidão. A divida que a finada não pudera satisfazer, pagava-a elle depois, adorando, por assim dizer, a amiga de sua mãe, de quem sempre se lembrava com saudade!

Além d'isso, tudo parecia concorrer em D. Julia para merecer-lhe a amizade de Eduardo. Era um typo de orgulho bem entendido. Alta, de cabellos e olhos negros, e toda vestida de preto, a sua presença, graciosa e altiva, impunha respeito e despertava interesse. Aquelle rosto, macerado pelos prantos da saudade, que dera ao esposo, apresentando no olhar sereno o cunho da resignação, fazia com que ella fosse aos olhos de Eduardo, que tinha o defeito de ser algum tanto poeta, o typo do soffrimento moral no meio das grandezas sociaes. E quando, no lucto alliviado da sua viuvez, ella lhe apparecia com um brilhante no peito, Eduardo comparava essa joia n'aquelle peito á estrellada da madrugada de um dia esperançoso, dizendo ás trevas da noite que desassombrem o espaço!

Maria era a mulher que Eduardo amava; Julia a que elle verdadeiramente respeitava.

Mas apesar de tanto amor e respeito, D. Julia aborrecia-o! Era para elle uma das mais pungentes dôres!

Eduardo retirou-se, ferido cruelmente pelas duas mulheres que tantas e tão verdadeiras sympathias lhe mereciam.

O systema de idéas que principiara a formar para se convencer que o amor não existia no espirito do seculo, estava quasi completo; mas lembrado sempre de Maria, e sempre por ella contrariado, começou a descrevel-a como desejava que ella fosse,

bem convicta da nobreza do sentimento que lhe confessara, bem resoluta em frente da opposição que lhe faziam, sacrificando tudo ao futuro do seu coração, arrostando tudo pelo amor de Eduardo, e confiando na bondade infinita de Deus, que tinha creado n'elle esse sentimento sem limites!

Eduardo queria vê-la n'uma acção palpitante de interesse; queria juizes que o condemnassem ou absolvessem d'aquella paixão vehemente que sentia—escreveu uma comedia-drama.

Na noite em que devia subir ás provas publicas, Eduardo estava talvez arrependido de a ter escripto. Parecia-lhe que o publico não veria n'aquella composição intima o interesse que elle tinha pretendido ligar-lhe. Esmoreceu; sentiu-se morrer pensando que seria olhada com indiferença a scena mais ambicionada da sua vida; escarnejada a dôr mais pungente que o affligia; menosprezado o sentimento que elle tivera a vaidade de crer que o fizera poeta!

Estava no oratorio—como lhe disse um actor distincto que o viu pallido e desfeito, encostado a um dos bastidores em quanto a orchestra executava já a symphonia d'abertura. E, realmente, se a peça fosse pateada, Eduardo teria morrido! Havia ali uma questão de vida ou de morte. O panno ia subir: Eduardo tremia de frio, e sentia cair-lhe da frente uma baga de suor! A actriz encarregada de representar Maria de Castro passou por elle. Eduardo quiz fallar-lhe e não pôde! Ouviu-se o apito, o panno subiu, o dialogo começou, e Eduardo, encostando-se ao braço de um amigo, foi com elle beber uma garrafa de vinho do Porto.

Ja levar o ultimo copo á bocca, no momento em que as palmas phreneticas e espontaneas da platéa, interrompendo o dialogo, atiravam já ao autor as primeiras folhas da sua cordá litteraria.

Descrever a commoção que Eduardo experimentou é completamente impossivel; contar a reacção operada no seu espirito, inutil. Correu ás proximidades da scena, escutou com avidéz as fallas de Maria, extrahidas das suas proprias cartas: sentiu-se enobrecer de l'has ter merecido, e quem n'aquelle instante o visse attento, escutando, e commovido pela propria composição, talvez o tivesse coberto de ridiculo. Insensato fóra! que Eduardo não fazia mais do que escutar as fallas apaixonadas da mulher que amava, repetidas com proficiencia pelos labios de uma boa actriz.

Ao acabar a peça, quando dois amigos o vieram abraçar, e os applausos e gritos da platéa o chamavam ás honras da scena portugueza; quando elle viu abrir-se, á maneira de uma nuvem que o occultava na obscuridade de um viver ignorado, esse panno que o separava das vistas do publico; quando finalmente se viu em rosto d'esse publico justiceiro, que, á força de applausos, transformava aquellas paginas rasgadas do livro da sua vida, já em loiros de poeta; que outra gloria ha ahí que valesse a que lhe custara tão profundos e sublimes sentimentos!?

Quando voltou para casa faltava-lhe o ar; abriu a janella, era madrugada: olhou para a estrella d'alva, e estendendo as mãos para esse magnifico horizonte que principiava a abrir-se, exclamou: «Em presença d'este dia que surge, ó Deus, não posso deixar de dizer: sou desgraçado; mas fizestes-me poeta!...»

E caiu quasi sem sentidos n'uma cadeira.
Continua.

ALFREDO HOGAN.

A estrella.

A. F. G. DE MEDEIROS BRANCO.

Ab, m! what hand can pencil guide, or pen,
To follow half on which the eye dilates
Through views more dazzling unto mortal ken.
BYRON.

Imagem pura, e brilhante,
Que com fulgor rutilante
Te conservas radiante
Sempre no ceo a luzir;
Quem és tu? que tão singela,
Tão gentil, formosa e bella,
Cinges tão linda capella
De luz e oiro de Ophir!

És donzella estremecida,
Que partindo d'esta vida
Foste por Deus acolhida,
E no ceo foste habitada?
Ou santelmo de bonança
Nuncio de risonha esperança,
Que ao nauta dás confiança
De lenho e vida salvar?

Es pranto cristalisado
De peito de mãe, coitado,
Pela dôr amargurado
De ver o filho expirar?
Ou és aí que deu Jesus,
Quando, pregado na cruz,
Os olhos cerrou á luz,
E no ceo os foi cravar?

És o prisma d'agonia
Que paciente soffria
O Martyr da pedra fria
Dos algos entre a sanha?
Ou remissão do peccado
Pelo perdão emanado
De Jesus crucificado
Lá no cimo da montanha?

És, talvez, pranto sentido
De terna amante vertido,
Que pelo vento impellido
Foste para o ceo levado;
E cheio de brilho fulgente,
Mimoso, puro, e nitente,
Te conservas lá patente
Para seres admirado?

Serás suspiro d'amor,
Plangente, e inspirador
Do peito d'um trovador
Que no ceo se vê brilhar?
Ou será o fulgor teu
Crime vil d'algum atheu,
Que para castigo seu
Ahi se foi retratar?

Oh! não é: que luz tão pura
Não a formara a natura,
Para com tanta brandura
Tão grande crime punir!
Aquella luz radiante
De fulgor tão deslumbrante
É uma estrella brilhante
Que no ceo se vê fulgir!

Dos astros gentil rainha,
Porque vives tão sósinha
Tremula, triste, e mesquinha,
N'essa vasta solidão?
Eu vivo tambem assim,
N'este deserto sem fim,
Estrella, junta-te a mim,
Aqui tens a minha mão!

Olha que eu sou trovador,
E fui fadado p'r'amor
Por um anjo do Senhor
Sob as faxas infantis!
Estrella, suspende o passo,
Dá-me a vida n'um abraço,
E deixa que eu siga o traço
Dos teus encantos gentis!

Ai! deixa que no meu peito
Eu te consagre respeito,
Se não despresas o preito
De quem te quer adorar!
Ah! deixa-me erguer-te um canto
Singelo, mas puro, e santo,
Inspirado pelo encanto
D'esse teu brilho sem par:

«Tu és formosa safira
«Caida da eburnea lyra
«D'algum bardo que suspira
«Longe da patria saudosa!

«Qual donzella virginal
«És pura como a vestal,
«Linda, e mimosa rival
«Da casta Phebe donosa!

«És o tropheo da victoria,
«De tão saudosa memoria,
«D'aonde começa a gloria
«Do guerreiro Portugal!
«É's o sceptro portentoso,
«Grande, grande, magestoso
«Do rei dos vates famoso
«Entre nós — sem ter rival!

«És um archanjo de luz,
«Que lá ao longe reluz,
«E que o descrito conduz
«Á crença do Salvador!
«Qual facho da redempção,
«É's das obras da criação
«A mais bella perfeição,
«Per'la de grande valor!

«É's fidalgo que no deserto
«Ao caminheiro inexperto,
«Indicas o rumo certo
«Por onde deve seguir!
«No fragor da tempestade
«É's cerulea potestade
«D'imponente magestade
«Entre nuvens a sorrir!

«Do ether nos altos cumes
«Derramas teus brandos lumes
«Por sobre os doces perfumes
«Dos mais lindos roseirales!
«São tão bellos teus fulgores
«Que até os celestes cantores
«Lhes cantam hymnos d'amores
«Nos seus côros divinaes!...»

Ai! lyra suspende o canto,
Que taes graças, tal encanto
Não pintas, não podes tanto,
Que te cega o seu fulgor!
Só te é dado idolstral-a,
E a sua imagem guardal-a
No peito, para adoral-a
Como um symb'lo do Senhor!

Lisboa — 1858.

J. J. MENDES CAVALLEIRO.

Tendo a sociedade Madre Pura, do Rio de Janeiro, tomado duzentas assignaturas d'este semanario para distribuir por alguns dos professores dos districtos do reino, e tendo-nos deixado livre a escolha dos mesmos, enviámos o jornal aos senhores professores, constantes da relação junta, a quem pedimos o obsequio de nos accusarem a recepção.

DISTRICTO DE LISBOA.

Concelho de Belem.

Ill.^{mos} Snrs.

Odivellas — Antonio de Tovar Sá Pereira da Cunha.

Dito dos Oliveas.

Camarate — João d'Almeida Rebello.

Loures — João Caetano Pereira de Sá Pinto.

Via Longa — Manuel José Ogando.

Dito d'Alcochete.

Alcochete — Joaquim Maria da Silva Barreto.

Dito d'Alemquer

Aldéa Gallegá de Merciana — José Braz Luiz Pinheiro.

Dito d'Almada.

S. Macario de Caparica — José Joaquim do Coração de Jesus.

Dito d'Arruda.

Santo Quintino — José dos Santos Diniz.

Dito d'Azambuja.

Alcoentre — Antonio Maria Soeiro.

Dito do Barreiro.

Alhos Vedros (S. Lourenço) Antonio Pedro Moreira.

Continua

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA -- Travessa da Victoria,